

## PATXOHÃ: A RETOMADA DA LÍNGUA DO POVO PATAXÓ

*Anari Braz Bomfim<sup>1</sup>*

### Resumo

Desde 1998, um grupo de professores e pesquisadores do povo Pataxó (sul do estado da Bahia) realiza, autonomamente, pesquisas documentais e de campo resgatando registros históricos e memórias dos anciões com o objetivo de retomar sua língua originária, dada por extinta em meados do século passado. Este artigo relata esse trabalho, seus sucessos e impasses, mostrando como a auto-determinação de um povo indígena pode fazer ressurgir uma língua, que é emblema de identidade étnica e que acompanha outra retomada, a dos territórios tradicionais pataxó, invadidos e tolhidos ao longo de toda a história colonial no Brasil, e que continua até hoje. A língua retomada foi batizada como ‘Patxohã’.

**Palavras chaves:** Pataxó, Patxohã, revitalização linguística

### Abstract

Since 1998, a group of teachers and researchers from the Pataxó people (south of the state of Bahia) has been conducting, autonomously, documentary research and field work, retrieving historical records and memories of the elders, with the aim of retaking their original language, considered extinct in the middle of the last century. This article reports on this work, its successes and impasses, showing how the self-determination of an indigenous people can bring about a resurgence of a language that is emblematic of ethnic identity and that accompanies another recovery, that of traditional Pataxó territories, invaded and stalled along all colonial history in Brazil, and which continues to this day. The retaked language was baptized as ‘Patxohã’.

**Keywords:** Pataxó, Patxohã, linguistic revitalization

<sup>1</sup> Anari Braz Bomfim é mestre em Estudos Étnicos e Africano, pela Universidade Federal da Bahia (2012), doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e membro do grupo de professores e pesquisadores pataxó.

## Introdução: terra e língua

O povo Pataxó, atualmente com uma população de cerca de 20.000 pessoas, habita 44 aldeias, nos municípios de Porto Seguro, St<sup>a</sup> Cruz Cabrália, Prado, Itamaraju, no estado da Bahia, e nos municípios de Carmésia, Arassuaí, Açucena e Itapeçerica, em Minas Gerais. A língua Pataxó, hoje nomeada de Patxohã, pertence à família Maxakali, tronco Macro-jê (Rodrigues,1986:56).

A população pataxó sobrevive da venda do artesanato, agricultura, pesca, etnoturismo, entre outras atividades. No cotidiano, o povo Pataxó usa o português, que, hoje, é a sua primeira língua; entretanto, através do processo de retomada da língua originária, que começou em 1998, os Pataxó se fortalecem e estão reaprendendo, novamente, resultado de um movimento coletivo de mobilização pela valorização da sua cultura e pela afirmação de sua identidade ‘pataxó’.<sup>2</sup>

Não é possível falar da retomada da língua, sem falar da luta pela terra. Os Pataxó do extremo sul da Bahia, assim como os outros povos indígenas no Brasil, continuam defendendo a sua sobrevivência e o seu território. A primeira Terra Pataxó foi demarcada, como posse permanente, pelo governo federal brasileiro, somente em 1982<sup>3</sup>, após conflitos e massacres que aconteceram a partir da criação do Parque Nacional de Monte Pascoal, em 1943, em terras tradicionais Pataxó. Hoje, os Pataxó lutam pela ampliação da Terra Indígena Pataxó Barra Velha, desde 1999, aguardando expedição de portaria declaratória. Outras áreas no entorno do Monte Pascoal, como a TI Comexatiba, no município de Prado, foi identificada e delimitada, mas os Pataxó lá vivem em conflito com os não índios, grandes empresários, fazendeiros e donos de pousadas, interessados na exploração econômica e turística da região. Está sendo reivindicada a ampliação e retomadas de outras áreas, como é o caso da Terra Indígena de Coroa Vermelha, localizada no município de Coroa Vermelha, demarcada em 1997, uma pequena área de 1492 há, onde a população cresce rapidamente. Outras áreas são objeto de retomadas, como Nova Coroa, Novos Guerreiros, Itapororoca, Txihi Kamayurá e Aldeia Aratikum.

---

2 O presente artigo tem como base parte do primeiro capítulo da minha dissertação *Patxohã, língua de guerreiro: um estudo sobre o processo de retomada da língua pataxó* (2012).

3 A Terra Indígena Pataxó Barra Velha, no município de Porto Seguro, foi homologada por meio da portaria nº 1.393, com uma pequena área de 8.627ha.



Figura 1. Fonte: Superintendência de Assuntos Indígenas de Porto Seguro (2013)

Este brevíssimo relato mostra como os Pataxó resistiram ao longo de 517 anos, apesar da violência que os atingiu e é mais um exemplo das consequências da chegada dos europeus, que tomaram os territórios indígenas em prol de interesses econômicos e do chamado “desenvolvimento” da “nação brasileira”<sup>4</sup>. No processo de resistência, os Pataxó tiveram muitas vezes que lutar para retomar seu

<sup>4</sup> Primeiro, com a chegada dos colonizadores, na intenção de implantar as colônias e vilas para se apropriarem das terras já habitadas pelos povos indígenas, causando conflitos, expulsando-os de seus territórios por meio de armas e doenças, e outras estratégias de dominação, como as tentativas de aldeamento, para facilitar o projeto da colonização e da exploração econômica. Com relação a esses conflitos com os Pataxó, Cancela (2008) traz referências de 1764, quando foi fundada a Vila de Prado, e mostra que o principal objetivo era servir de barreira contra os índios do sertão de Monte Pascoal, referindo-se aos Pataxó que habitavam aquela região, que, conforme Vilhena (1969), citado por Cancela (2008), situavam-se em 12 aldeias, “centro de habitação destes bárbaros, que infestam toda grande comarca de Porto Seguro”. Outra situação é a de 1861 (Carvalho, 1977, p.80) quando o Diretor Geral dos Índios emitiu um parecer favorável à implantação de um novo aldeamento nas margens do rio Corumbau, tendo como principal objetivo amansar e catequizar os índios bravos, livrando assim os nacionais dos ataques constantes dos indígenas e liberando as vilas para a exploração econômica. Além dos Pataxó, nesses aldeamentos também se reuniram outros povos, como Maxacali, vindos do interior, Botocudos, Tupiniquins de Vila Verde e Kamkás-meniã de Belmonte (Carvalho e Sampaio, 1992), prevalecendo o etnônimo pataxó, provavelmente por estarem em maior número. Os Pataxó sempre se mantiveram na região do entorno do Monte Pascoal e tiveram que se unir a outros grupos indígenas com os quais tinham contato ou refugiados, garantindo assim sua sobrevivência e construindo suas vidas (Bomfim, 2012)

território e reconstruir-se novamente para a sua sobrevivência. Assim, a língua pataxó representa um processo dinâmico, coletivo, que atravessou a história da vida e da luta do povo pataxó, durante mais de quinhentos anos e que, agora, é retomado.

Por muito tempo, a língua pataxó foi dada como extinta. Em 1939, Loukotka afirmara, desconhecendo a existência dos Pataxó:

O número total de palavras que temos a nossa disposição atinge a 95: 90 colhida por Wied, 2 por Martius e 3 obtidas através de uma análise científica. Com toda probabilidade a tribo e a língua dos pataxós já se acham extintas. Meu amigo brasileiro, Prof. José Oiticica, sustenta, em verdade, que em certas regiões do Espírito Santo vivem ainda índios chamados Patachos, mas essa informação não foi comprovada. Carece especialmente de uma exata indicação do lugar. Mas, admitindo-se que vivam realmente nessas regiões alguns Patachos, será talvez inteiramente impossível obter qualquer material lingüístico deles. Provavelmente estarão desnacionalizados. (Loukotka, 1939:6)

Em 1938, o etnólogo alemão Curt Nimuendaju encontrou na Reserva Caramuru Paraguaçu 16 pataxós, entre os quais havia falantes da língua e que não se comunicavam em português.

Esse contingente seria o que havia persistido dos cerca de cem pataxós que, durante os últimos dez anos, haviam sido capturados pelos administradores do Posto, e estava, então, dividido em dois grupos. O primeiro era composto de três homens, três mulheres e três crianças que moravam em um alpendre aberto para um lado e cercado com um muro, junto à cozinha do Posto. Não falavam português, ou pelo menos não eram capazes de se comunicar nessa língua, e viveriam ociosamente, elaborando, de modo negligente, arcos e flechas, as únicas armas que possuíam, à época, o que ele imputava à “confraternização com o pessoal neo-brasileiro”. O segundo grupo era formado por uma jovem mulher que havia abandonado o marido índio para viver com o cozinheiro do Posto, sua filhinha mestiça, dois rapazinhos e três moços que, ao contrário do outro grupo, falavam regularmente o português e muito pouco a língua indígena. Além disso, não cultivavam uma única planta sequer, não teciam e não conheciam nem canoas nem a arte cerâmica. Os seus recipientes para água e mel eram sacos de couro de macaco. Carregavam bagagem em aiós de cordas de envira. A primeira expedição que, a partir do posto, foi ao seu encontro, ainda se deparou com um acampamento de 15 ranchos de cumeeira, cobertos com casca de árvore, circulando uma praça aberta na mata com uma árvore no centro, ao redor da qual parecia que dançavam (Nimuendaju, 1938, apud Carvalho e Souza, 2005: s/p).

Bahetá, uma das últimas falantes da língua desses grupos mencionados por Curt Nimuendaju, dos chamados Pataxó setentrionais (Pataxó Hãhãhãe), faleceu em 1992. Ela pertencia ao grupo pataxó encontrado entre as regiões de Contas e Cachoeira, na Bahia, grupo aldeado à força na Reserva Catarina Paraguaçu, criada em 1926 pelo SPI (Serviço de Proteção aos Índios) (Bomfim, 2012). Bahetá, deixou

para a geração mais nova um pouco do seu conhecimento linguístico, em uma lista de 129 palavras registradas por Greg Urban e Aracy Lopes da Silva, em 1982 (Rodrigues e Silva, 1982). Por outro lado, nos grupos do sul da Bahia, já se falava uma variedade do português local, que os Pataxó tinham vergonha de usar diante da população do entorno, temendo “não saber falar direito”, como muitos chegam a afirmar. Porém, a língua pataxó continuou sendo falada por alguns “línguas” que sabiam “cortar língua”, os quais se comunicavam com outros povos, também chamados de “tapuyo”, provavelmente Maxakali, com quem os Pataxó mantinham contato por possuírem línguas parecidas. “Corta língua” era a expressão usada pelos mais velhos, antigamente, para identificar aqueles que conversavam um com outro na língua pataxó ou a traduziam (Arawê, 2010). Com o tempo a língua pataxó sobreviveu apenas na memória dos mais velhos, no uso cotidiano de palavras e nos cantos.

Desde 1998, os Pataxó desenvolvem um trabalho de “retomada da língua”, resultado de um esforço coletivo. Como terras podem ser retomadas, na luta, assim línguas podem ser retomadas e isso começou a acontecer antes de 1998. Já havia uma preocupação das lideranças e dos mais velhos pelo fortalecimento da cultura pataxó, inclusive da língua. Assim, num primeiro momento, foi sendo experimentado o ensino do Pataxó nas escolas das comunidades de Barra Velha, com um primeiro professor de “Língua e Cultura” conhecido como Antônio Arauê, e na escola da comunidade de Carmésia, em Minas Gerais. Zabelê, em Cumuruxatiba, foi uma dos últimos “línguas” preocupados com a transmissão de conhecimentos linguísticos e culturais para seus filhos e netos, fora da escola. O processo de “retomada” da língua se acentuou e tomou novos rumos a partir de 1998, com uma forte mobilização de jovens e de professores pataxó da Bahia, que elaboraram o *Projeto de Pesquisa e Documentação da Cultura e Língua Pataxó*, formando um grupo de pesquisadores indígenas motivados pelo desejo de reaprender a língua e de fortalecer a “cultura” Pataxó. Significativamente, essa iniciativa se articulou com a luta pela criação da Reserva Pataxó da Jaqueira, área de preservação ambiental da Terra Indígena Pataxó Coroa Vermelha, retomada em 1997.

O estudo e a pesquisa documental e de campo, realizados pelos pesquisadores Pataxó, tiveram como resultado uma proposta de escrita, condição da elaboração de uma gramática e do registro de novas palavras (vocabulário), tudo aprovado pelo conselho de caciques Pataxó em 1999 e socializado nos encontros entre as aldeias. Com o apoio das lideranças, os professores Pataxó passaram a ensinar a língua que foi batizada com o nome de “Patxohã” (língua de guerreiro). Hoje o Patxohã é ensinado nas aldeias Pataxó da Bahia, de Minas Gerais e entre os Pataxó Hãhãhãe.

### **A língua pataxó no tempo de antigamente**

Até o momento, o documento com dados linguísticos mais antigo de que se tem notícia, é o vocabulário coletado pelo príncipe alemão Maximiliano de Wied-Neuwied durante uma expedição ao Brasil, entre 1815-1817. Além da língua pataxó, ele registrou listas de palavras de outros povos, como, Botocudos, Machacaris, Malalis, Maconis, Camacãs de Belmonte, Camacãs ou Mongoiós da Capitania da Bahia. As palavras registradas eram escritas da maneira como Maximiliano entendia a sua pronúncia, para dar ideia do som, conforme a escrita do alemão. Para o registro do vocabulário

das línguas coletadas, quando não dispunha dos próprios falantes, Maximiliano (Wied-Neuwied, 1989) recolhia dados junto a outros povos indígenas, que conheciam essas línguas, ou dos não-índios que possuíam alguma informação. Ele também afirmava que não era fácil recolher esse repertório com os próprios falantes, pois, destaca, era difícil “fazer os selvagens repetirem várias vezes os nomes dos objetos, o que, no entanto, é absolutamente necessário para se representar com exatidão os sons bárbaros” (Wied-Neuwied, 1989:499; palavras sublinhadas pela autora). Os Pataxó só tiveram conhecimento do material registrado pelo Príncipe Maximiliano quando os pesquisadores indígenas se interessaram em reunir documentos sobre a língua Pataxó, de maneira a poder usá-los na ampliação do repertório lexical.

Segundo Loukotka (1939), a lista de palavras Pataxó registrada por Maximiliano foi de noventa palavras; porém, na versão traduzida do livro por Mendonça e Figueiredo encontrei somente 87 palavras. Martius (1867) em seu *Glossário de diversas lingoas e dialectos, que falla os Indios no imperio do Brasil* registra 63 vocábulos Pataxó, dos quais 60 referem-se a lista do vocabulário recolhido por Maximiliano, tendo sido acrescentadas as seguintes: *aqua (água) – tiäng; hostis (inimigo) – nionaikikepá*, reescrita por Loukotka (1939) como *nio-naikipepá*; *imo (sic sane) – man; ignis (fogo) – côa*, sendo esta última identificada também no vocabulário da língua dos Maconi por Maximiliano como *coen*.

Descobrimos os registros que se sucederam. Listas de palavras dos Pataxó Hãhãhã, que habitam o sul da Bahia, foram coletadas pelo Cel. Antônio de Medeiros entre os *Ranranrans* (sic) do PI Paraguaçu, no Rio Colônia, em 1936, com o informante Tsitsia, de 45 anos. Descobrimos o vocabulário pataxó coletado por Nimuendaju no Posto Indígena Paraguaçu, com os informantes Tamani e Bekoy, em 1940. Robert E. Meader (1976), em *Índios do Nordeste: Levantamento sobre os Remanescentes Tribais do Nordeste Brasileiro* deixou um vocabulário pataxó colhido por Wilbur Pickering em 1961, novamente com Tsitsia, no Posto Indígena Paraguaçu, em Itaju. Em 1982, Greg Urban e Aracy Lopes coletaram palavras graças a já mencionada Bahetá. Em 1970, Pedro Agostinho compilou outra lista lexical entre os Pataxó do extremo sul, com 171 palavras, na Aldeia Barra Velha, sendo os principais informantes Vicentina e Tururim Pataxó.

Pela memória de alguns anciões, principalmente da aldeia Barra Velha, considerada como “Aldeia Mãe”, localizada entre os rios Caraíva e Corumbáu, no município de Porto Seguro, e que ainda estão vivos, foi possível recuperar mais informações acerca da língua Pataxó, no tempo de antigamente. É importante observar que, no processo de retomada, a língua foi voltando aos poucos, graças à memória de antigas práticas comunicativas vivenciadas, no passado, por esses anciões. Devemos a eles o fato do Pataxó não ter acabado por completo e ter começado a ganhar força anos mais tarde, com a criação do grupo de pesquisadores pataxó.

Assim, mesmo com todos os fatores de caráter social, histórico, político que contribuíram para que a língua antiga se enfraquecesse, nem tudo foi esquecido, como afirma seu Tururim: “*eles não perderam a metade e nunca perdeu a idioma deles*”. E acrescenta: “*foi o idioma português que fez a gente esquecer mais a metade da língua*”.



## Quem era os “línguas” que “cortavam língua”?

Os “línguas”, que sabiam “cortar língua”, eram os Pataxó que tinham o domínio do Pataxó e sabiam usá-lo para se comunicar. O termo “língua” foi usado durante muito tempo no chamado “Brasil colônia” para referir-se aos intérpretes indígenas. Maria Hilda Paraíso escreveu a propósito da trajetória histórica do povo Botocudo:

era constante o uso do “língua” ( intérprete indígena) para que realizasse o trabalho de convencimento dos demais, atraindo-os para as “benesses da civilização”. Como afirma Guimarães (1990), “o língua atuava decisivamente na estrutura interna do grupo: manipulando as lideranças, incorporando os valores concebidos pela sociedade dominante introduzindo no grupo “bens” (objetos cortantes, utensílios e adornos). (Paraíso, 1992: 418)

O “língua” pataxó era também mediador na relação de contato com outros indígenas, ou *tapuyas*, e, mais tarde, passou a ter outra função, a de contribuir para a afirmação da identidade pataxó e para a luta pela terra.

São poucos os mais velhos de hoje que chegaram a conhecer os “línguas” antigos; através de seus relatos foi possível trazer referências a alguns deles. Maria Correa, a mãe do tronco velho dos Ferreira, era considerada “língua” e chefe; era ela que mantinha contato com outros índios, que vinham da mata e se encontravam no lugar chamado Céu, na aldeia Barra Velha. Antonio Arawê, que é bisneto da Maria Correia, lembra do que ouviu do seu pai:

*Eu sou bisneto do João Vicente e da Maria Correia. E aí que ela, e essa Maria Correia que era a chefe que fazia o awê do céu. Ela era chefona, fazia todas as comunicações. Meu pai mesmo, contava dizia, quando tava pra chegar esse povo, ela ia lá, fazia os preparo dela, ela ficava assim toda banhada de urucum, pra mudar de cheiro, que incluía com os cheiros deles, né. Que ela não podia assim com outros cheiros diferente, porque eles lá tava sabendo que ela tinha o contato com outras pessoas diferente, então ela fazia todo esse preparo, ia lá fazer os beiju com o luá, né, pra tomar, e aí eles trazia pedra, diamantes, aquelas coisas bonitas e fazia aquela roda e eis ia brincar o awê deis lá, né, nesse céu. Então o céu é um lugar de história. Quer dizer que eles dão o nome de céu, porque dali eles via oceano dali da frente, né, via o oceano, por isso que tem o nome do céu (...)* (Entrevista com Arawê na aldeia Barra Velha em janeiro de 2011.)

Seu Palmiro da Aldeia de Barra Velha, filho de Epifânio e bisneto de Maria Correia, diz que seu pai contava que esses grupos indígenas que mantinham contato com Maria Correia “*chegava cantando zabelê (pássaro da região), eles dava caça a eles e os índios daqui pescava e dava peixe pra eles*”. Seu Palmiro diz que eles “*vinha pelos rios de Prado, passava pelo pé do Monte e descia o rio Corumbáu*”.

Seu Adalício, que mora na aldeia Barra Velha, fala de outra anciã chamada Marculina, mãe de Maria Antônia, mulher do João Nascimento:

*Era parteira.. era uma pataxó antiga legítima mesmo. Ela recebia esses índios na Conzinha Veá. Esses índios que hoje em dia mora em Maxacali, era quem atacava aqui em Barra Velha, depois como bem começou a escravidão, eles correro. Naquela época os Maxacali era da Imburana, eles correro para Imburana e hoje mora no Maxacali. Mas ele não quer que o parente dele fale que ele é pataxó, porque ele é pataxó também, o maxacali.*

Anari - E a vea Marculina falava no idioma?

Adalício – Falava. É mesmo que Zabelê.

Anari – O senhor conheceu a Veá Marculina?

Adalício: - Conheci demais

Anari - O senhor chegava a ouvir falar algumas palavras no idioma?

Adalício: - Via, mas, naquela época não prestava atenção. Eu era criança ainda naquele tempo.

(Entrevista com Adalício, na aldeia Barra Velha, em fevereiro 2012)

Além da Marculina, seu Adalício, como outros mais velhos, menciona seu Zé Graciano, que era considerado o rezador naquela época.

*Adalício - Tinha dia que Zé Graciano sentava no meio do terreiro assim, e cortava língua pra todo mundo aí.*

Anari - E vc escutava?

*Adalício - A gente escutava, mas naquela época a gente não sabia o que era, NE. Ele sozinho, ele que sabia, ele cortava língua ensinando o povo ali, óh. Ele inda dizia, ainda: oh meu fi, vem tempo que essa língua aqui, essa que estou explicando pra você, todo mundo vim fazer procuração por essa história minha.*

Anari – Hum! ói, tá vendo agora eu estou procurando. (risos)

(Entrevista com Sr. Adalício na Aldeia Barra Velha em fevereiro 2012)

A respeito dos grupos indígenas que vinham da mata, Arawê Pataxó, da Aldeia Barra Velha, explica:

*Ela (Maria Correia) caminhava, saía da aldeia Barra Velha e fazia essas viagens daqui a Mucuri com outros povos indígenas tomém. Os índios que vinha, esses índios vinha do sertão, vinha da região de Minas lá. Eles vinha do litoral, dos rios. Porque naquele tempo, num tinha estrada, porque os rios que descia pro mar, aí eles sabia que ia sair na praia. Então, eles pegava as região dos rio, então por isso que (eles virava) os rio Mucuri, o rio Jequitinhonha, o rio aqui de Porto Seguro, né. Eles viajava litoral rio pra chegar a praia.*



*Então aqui era passagem dos encontros, que passava esses povos, agora as triba, as triba deis que ninguém tinha bem o conhecimento quem era. Que chamava não era triba, que naquele tempo chamava era tapuy, né, andava tudo pelado, era tapuy e que esses tapuy andava aqui, e aí que fazia todo esses encontros tomém, tinha briga deis que não se dava assim a triba com outra.*  
(Entrevista com Arawê, na aldeia Barra Velha em janeiro 2011)

Podemos perceber, nos relatos dos mais velhos, que a língua do povo pataxó ainda estava presente nessas relações com os índios que vinham da mata e que, provavelmente, entendiam o Pataxó, embora estes antigos já falassem um português local. É importante considerar esses contatos para entender o que temos, hoje, da língua pataxó. A análise realizada pelos pesquisadores pataxó identificou a existência de palavras comuns a outros povos que habitavam a mesma região.

A partir das informações dos mais velhos, provavelmente os *tapuyos* ou *índios brabos* eram “maxakali”, como afirma seu Adalício, ou da mesma família linguística.

O contato entre Pataxó e Maxakali não é recente, já que se trata de povos que conviveram nas mesmas regiões, seja por afinidades de parentesco ou até mesmo alianças, e é possível identificar alguns elementos culturais e linguísticos semelhantes a partir dos registros sobre ambos. A presença de Pataxó e Maxakali também foi observada nos sertões de Alcobaça, Prado e às margens do rio Jucuruçu, na Bahia (Wied-Neuwied, 1989:171-214). Em sua passagem seguindo ao norte do rio Jucuruçu, na região de Prado, dirigindo-se à margem do rio, Maximiliano descreve os aspectos linguísticos dessa convivência e das afinidades entre Pataxó e Maxakali:

a “uma mulher da tribo dos machacaris, que entendia perfeitamente a língua dos Patachós, coisa muito rara.; porque sendo os últimos, de todas as tribos aborígenes, os mais desconfiados e reservados, é difícil a uma pessoa, que não pertença a tribo, aprender-lhes a linguagem” (Wied-Neuwied, 1989:275).

Os Maxakali de hoje lembram dessa proximidade. Numa conversa, uma mulher maxakali contou que os mais velhos falam da chegada de um Pataxó, de cerca 15 anos, chamado Justino, que veio da Bahia para Minas. Não se sabe exatamente quando da chegada, mas há ainda netos e bisnetos de Justino entre os Maxakali. Um canto ritual homenageia a chegada deste Pataxó: “era pajé, chegou com furo no berço, com um cocar na cabeça e um colar no pescoço; o cocar era feito com pena de gavião”. Por outro lado, com Justino os Maxakali aprenderam o canto do *Putuxop* (canto do papagaio), cujas palavras eles entendiam, e que é executado no ritual homônimo realizado entre os Maxakali até hoje. A mulher com quem conversei afirmou “*é um canto antigo com uma língua antiga que hoje já não fala mais, ele fica só registrada no canto, porque hoje mudou muito a língua (...) a língua não mudou muito não, só mudou um pouco o sentido, sabe?*”.

Além dos Maxakali, outros grupos indígenas mantinham contato com os Pataxó, visto que a terra indígena pataxó Barra Velha tornou-se um lugar de passagem, de encontros e de refúgio para várias etnias, o que resultou em casamentos interétnicos e, conseqüentemente, em empréstimos linguísticos.

O príncipe Maximiliano, quando teve no Brasil entre 1815 e 1816, localizou os Pataxó e os Maxakali nas regiões às margens do rio São Mateus, do Espírito Santo até Porto Seguro, também frequentadas pelos “Cumanacho e outras tribos”. Na região do Mucuri, “habitada principalmente pelos Patachós”, também perambulavam “os botocudos por esse trecho da costa” (Wied-Neuwied, 1989:176). Além destes, outras ramificações dos Tapuias se encontravam “nos limites de Minas, como os Maconi, os Malalis e outros vivendo em povoados fixos” (Wied-Neuwied, 1989:176). E por fim “os Capuchos, os Cumanachos, Machacalis e Panhamis também andavam por essas matas” (Wied-Neuwied, 1989:176). Ao tratar desses últimos grupos, Maximiliano afirma que essas “quatro tribos se aliaram com os Patachós para que assim unidos possam fazer frente aos Botocudos, mais numerosos” (Wied-Neuwied, 1989:176).

Ao confrontar alguns dados antropológicos e históricos sobre Pataxó e Maxakali, Paraíso (1992) reforçou “a ideia da unicidade dos dois grupos”, os quais, juntamente com os Amixocori, Monoxó, Kumanoxó, Kutatoi, Malali e Makoni, seriam subgrupos de uma mesma nação: Tikmu’un. Segundo Paraíso (1992), os Maxakali que moram hoje em Pradinho - MG, seriam originários da região do Jucuruçu.

Alguns velhos Pataxó lembram, por outros nomes, de povos que poderiam ser alguns dos mencionados nas fontes históricas: *gamelão*, *toleteiros*, *índios formigas* ou *bakirá*.

Sobre os “Gamelão”, Seu Nana Pataxó, da Aldeia de Barra Velha, traz da memória oral o seguinte relato:

Nana- “esses índios *gamelão* foi aparecido aqui, porque aqui era um deserto, só convivía era nós e chegou esses índios, não sei se corrido, sei lá, topou esse aberto aí, essa mata medonha esse hãhã e aí entremistiro com a nação pataxó. E aí truxeram essa linguagem, que prá lá acho que já existia bebida. E aí os pataxó aprenderam a falar esse negócio de *kayboka*<sup>5</sup>, *gropijop*<sup>6</sup>. Mas aqui não existia isso não.

Anari - De onde eles vieram?

Nana - Eles vieram daqui do sul, papai falava que eles vieram do sul. Dois casal, eles vieram do sul porque aqui era um deserto, aí ficaram por aí e intremistiro com os pataxó e aí eles truxeram essa língua deferente da nossa. Esse povo dos véi, não existia bebida nenhuma aqui não, nem conhecia.

(Entrevista com seu Nana, na Aldeia Barra Velha - Porto Seguro, em fevereiro 2011)

Provavelmente esses índios *gamelão* eram os Botocudos, pois é possível encontrar o termo *gamela* referindo-se a este povo, no século XIX. Além disso, palavra semelhante a *gropijop*, citada por Seu Nana, também é encontrada no vocabulário dos Botocudo (*joóp* ou *jióp*; Wied-Neuwied, 1989:501). Os Botocudos são os Krenak que vivem hoje em Minas Gerais, que sempre guerreavam, principalmente com os Pataxós e os Maxakali. Maximiliano (1989) registrou a sua presença desde as regiões do rio Doce, Jequitinhonha, São Mateus, Pardo, Santo Antônio, Mucuri e Prado.

5 *Kayboka* quer dizer ‘cachaça’.

6 *Gropijop* quer dizer ‘bebida’.

Havia também outros grupos indígenas conhecidos por alguns Pataxó como índios *toleteiros* porque andavam com *toletes* de pau como armas, sem arco e flecha, como afirma Seu Adalácio:

*Adalácio - Tinha os índios botocudo e os toleteiro também.. eles vinha aqui aparecia ninguém sabe da donde é que eles vinha. Eu arcansei eles ainda. Eles era uns índios assim, curto, tudo baixinho que nem o pessoal de Tururim. Vi eles aqui no Angelim, nós morava aqui no Angelim, era.*

*As vez, nós vinha..Meu pai dizia: Ôh, os meninos vocês vão lá na Juerana. Quando a gente chegava no Angelim eles corria em cima de nós. Aqueles índios né?... pegava aquelas bostas, cagava, melava aquele pau de bosta, cabá jogava tudo nim nós. A gente tinha medo deles, eles jogava pau, passava bosta e jogava nim nós.*

*Anari – Por que que chamava de índios toleteiro?*

*Adalácio - Foi porque eles andava com um pedaço de pau desse tamanho assim oh (faz gestos). Eles usavam um tolete de pau, aquilo que era as armas deles mesmo, era.*

(Entrevista com Adalácio, na Aldeia Barra Velha em fevereiro, 2012)

Em Cumuruxatiba, região de Prado, alguns mais velhos falam da presença dos índios *formiga* ou *mavão*. Eram chamados assim porque andavam por debaixo do chão. Provavelmente são o mesmo grupo conhecidos pelos mais velhos da aldeia de Barra Velha como *bakirás*. Sobre esses índios, Seu José Ferreira Guedes, bisneto desses índios *formiga* ou *mavão*, traz na memória a história de sua família:

*Foi o seguinte: O pai do véi Orelino, o avô de Jovita, ele pescando aqui fora.. Meu avô contava essa história, né? Ai chegando ali nessa direção dali de Cumuruxatiba, tava uma menininhazinha na praia, tinha mais ou menos dois anos assim, né? Lá perdida, ai os índios voltaram e esqueceram dela lá. Ele encostou, panhou, botou ela na canoa e levou embora, né? Ai eles viram e sentiram falta, voltaram. Quando eles voltaram, ele já tava lá fora (no mar). Ai eles pegaram bater a mão pro lado dele pra ele voltar pra trazer a menina, e eles acompanharam e foram até o Cahy. Quando chegou no Cahy, ele disse: Ôh, eles vão me cercar lá diante. Ai cortou pra fora de mar adentro, até que sumiu lá pra eles não vê ele mais. Ai voltaram... Ai ele levou ela para o Corumbau. Ai criou ela, que é minha bisavó. O nome da minha bisavó chamava Indiara. A mãe de Gregória. Ai levaram prá lá, foi indo casou, teve minha vó... só ela, filha única... Ai levaram ela pra lá e criou ela, depois ela casou com meu bisavô que não alembro agora o nome. E foi criada pelo véi Orelino, que até Jovita tem consideração com os meus tios, ela faz parte da gente, que são parentes da gente, que foi o avô dela que criou minha Vó que depois casou com Pedro Ferreira de Jesus. Uns tempo ele foi embora, o pai dela foi pa' minas, né? Lá, levaram um casal, quando chegou lá o menino morreu e morreu a esposa, a minha bisavó. Da vez de uma seca que deu pra lá de Minas. Ai meu bisavô pegou minha vó, a Gregória enganchou no pescoço e veio embora... ela era pequena. Ai veio parar aqui de novo. Ai foi criado com véi Orelino, junto com Maria*

*Paraju, que era uma índia que existia aqui na região. Aí foi criada com a finada Maria Cristina, né?... Aí ficava passando na casa de um, na casa de outro, até que ela ficou moça... ela casou com meu avô Pedro Carro. De parentesco aqui na região de irmão só tinha ela, né?... o outro morreu lá pro lado de Minas. Aí ficou a gente ficou parente da Jovita, além da nação que é a mesma da gente e criado junto com o pai dela, o avô dela, criou minha vó. Era índia purinha mesmo, do cabelo estiradim mesmo, baxinha. Era daqueles índios que andava por debaixo do chão, né?, chamava os índios formiga, né?..*

(Entrevista com José Ferreira Guedes, Cumuruxatiba, fevereiro)

Ao tratar da língua desses índios formigas, o mesmo afirma que eles não tinham muito contato com os Pataxó, “*mas tinha contato assim, mas era muito pouco. Era uma nação de índio mais brabo, era. Até a língua deles meu avô contava que os pataxó não entendia bem. Pouca coisa que eles entendia*”.

Além desses grupos, houve também casamentos com famílias remanescentes dos Tupiniquins ou Tupinambá, que viviam ou passaram a viver na região, misturando-se com os Pataxó. Mesmo havendo esses casamentos interétnicos, os Pataxó não marcam nenhuma distinção com relação a essas famílias, pois passaram a pertencer ao povo Pataxó. Não é este o caso nos Pataxó Hãhãhãe do sul da Bahia, que, apesar do processo de aldeamento forçado no passado, ainda hoje se reconhecem como compostos de grupos distintos, como os Kariri Sapuyá, Tupinambá, Hãhãe, Kamakã, Baenã e Pataxó, embora o etnônimo abrangente seja, atualmente, Pataxó Hãhãhãe.

Nessa longa história de contato linguístico com outros povos, várias palavras entraram no léxico da língua pataxó; a identificação dessas palavras provindas de outros povos aflora à consciência de alguns velhos, apesar de ser negada por outros.

Com base em nossas pesquisas junto aos anciões, foi possível identificar no vocabulário registrado por Maximiliano (Wied-Neuwied,1989) palavras originárias de outros povos, possivelmente, em alguns casos, empréstimos linguísticos:

<b>Português</b>	<b>Vocabulário Pataxó</b>	<b>Wied-Neuwied 1815-1816</b>	<b>Povo</b>
água	miãga	magnán	Botocudo
casa	kijeme	kijém	Botocudo
fogo	jõpek	chompäck	Botocudo
mulher	jokana	jóknang ou jókunang	Botocudo
onça	kuparaka	kuparack	Botocudo
velho	makiami	makiniam	Botocudo
comida	mãgute	nungcút	Botocudo
cavalo	kamãdu	cawandó	Malali
		camató	Macon e Maxakali

Com a morte desses antigos *línguas* que *cortavam na língua*, nesse contexto de contato com outros índios, a língua pataxó, com o tempo, passou a se enfraquecer. Restavam apenas os filhos daqueles velhos, morando em Barra Velha e que já estavam falando uma variedade do português. No entanto, descobrimos que alguns velhos ainda lembravam um pouco da língua, principalmente os filhos da Maria Correia, como afirma Dona Isabel, que morava na Aldeia de Coroa Vermelha, falecida em 2016. Ela chegou a conhecer a sua avó, Maria Correa, quando criança; “*fazia muita rede pra botar os netos pra dormir*”. D. Isabel afirma não ter aprendido a língua com sua avó, que era um dos *línguas*, mas afirma que seu tio Macelo, Emílio, tio João Vicente e Epifânio, filhos da Maria Correia, “*sabia alguma coisa; era, mas ninguém aprendeu, né? Eles falavam a língua deles. Mas eu num acerto mais não. A língua dos índios véio*”.

Seu Tururim, liderança e também bisneto da Maria Correia, da Aldeia Barra Velha, diz ter aprendido o idioma com seu tio Emílio, João Vicente, Epifânio, Vicentinho “*os véi que já acabou, eles tudo sabia o idioma deles*”. Seu Tururim juntamente com Zabelê e Vicentina, ainda são lembrados como os últimos *línguas* que sabiam *cortar na língua*.

Certamente, podemos afirmar que a língua pataxó conhecida pelos mais velhos também era resultado do processo de relações de contato entre povos indígenas no Território Pataxó, desde antigamente. Quando pensávamos que a língua pataxó estaria adormecendo, com a morte dos mais velhos, ela começou a reviver a partir do momento em que os Pataxó empreenderam uma viagem, na década de 40, a Imburana, onde viviam os Maxakali, o que contribuiu com que a língua, como afirma Zabelê, “*inteirou mais com as de cá*”.



## A viagem aos Maxakali: *deixe eles entrar, são parentes seus*

*“Aí uns diz que essa língua, uma língua que eu sei umas, num é do Pataxó, é do Maxacali, mas eu sei ar do Maxacali também, eu sei” (Zabelê, 2010)*



**Figura 2:** Zabelê Pataxó. Fonte: Acervo cedido por Paulo de Tássio, 2017

Zabelê Pataxó nasceu na aldeia Barra Velha, onde viveu parte da sua infância e adolescência. Após o *fogo de 1951*<sup>7</sup>, passou a morar em Cumuruxatiba no município de Prado. Antes de falecer em 2012, morou na Aldeia Tibá, localizada no município de Prado. Zabelê descreve, no trecho reproduzido abaixo, a viagem a uma aldeia em Imburana para visitar os Maxakali, a convite de um não índio chamado Adão, juntamente com seu pai Emílio, sua mãe Maria Salvina, seu irmão Patrício, Vicentina (também conhecida como Neném) e Manoel. Zabelê ainda não era casada, pois afirma que nessa época tinha mais ou menos 10 anos de idade.

*Anari - Então conta a sua história pra lá, por que que a senhora resolveu ir pra lá?*

*Zabelê - Porque tinha um homem que chamava Adão, né... Veio de lá de Cachoeira do Mato. Quando chegou em Barra Velha, ele disse: ói, vocês querem conhecer seus parente? [Falou isso] com o pessoal meu, os mais véi, né]. Ai meu pai disse: Eu eu quero conhecer.*

*Ele disse [Adão]: vocês conhece eis? Não... eu conheço mais eles já foram daqui pra lá..no Maxacali. Eles é parente da gente já foram daqui pra lá...*

<sup>7</sup> As expressões “fogo de 51” ou “massacre de 51” se referem a um evento ocorrido em 1951, quando policiais de Porto Seguro e de Prado atacaram os Pataxó da aldeia de Barra Velha, destruindo casas, matando animais, perseguindo e prendendo os índios, perpetrando toda sorte de violência. O desespero e o medo levaram os Pataxó a fugir e se dispersar. O ataque foi motivado por uma acusação de roubo a um comerciante de Corumbau. A perseguição aos Pataxó só parou depois da acusação se revelar infundada. Algumas famílias voltaram aos poucos para Barra Velha, outras, traumatizadas, nunca mais voltaram. Os Pataxó estavam reivindicando o direito de permanecer em sua terra tradicional, incluída na área do Parque Monumento Nacional de Monte Pascoal, criado por decreto-lei em 1943 para rememorar o descobrimento (conquista) do Brasil e do qual os índios deveriam ser expulsos. Os Pataxó continuaram a lutar até que em 1999 uma pequena área (a TI Barra Velha) foi demarcada dentro do Parque.



que eles sumiram na mata aí, sumiro e foram embora. Aí [Adão] disse: Pois é, tem uma aldeia lá, vocês querem ir lá conhecer? Eu levo vocês lá. Aí pai disse: Nós vamos. Aí arrumô lá as coisas logo e fumo embora mais ele, meu pai, minha mãe, Patrício e a mulher de Patrício. E fumo embora mais o Adão. Aí foi levar lá, dormia na estrada, outro dia caminhava e chegava dormia, cansava pelas mata. Não tinha carro, não tinha estrada boa. Era uma triinha assim... por dentro da mata assim, só vê aqueles cavadinho de onça assim na estrada. Chegava num lugar, numa abertura, tinha uma roça. Aí nóis pedia agazai, tem veis que o homem nem queria dar, o dono da casa, com medo da gente. Aí ele (Adão) disse: Não, eles não faz nada não. Não mata ninguém não. Aí eles dava uma casa pra nóis dormir. No outro dia saia de novo até chegemo em Cachoeira do mato. E (Adão) disse: agora vou levar vocês lá. Aí, a fia dele também queria ir mais nóis. Pegou amizade comigo.... Aí ele saiu amontado mais ela no burro né, eu fui amontado ni um e ela foi amontanda ni outro. Aí eu amontado mais ela, até chegemo na aldeia Imburana. Lá tinha um dela lá, ela ficou. Aí o pai, foi levar os restos dos índios lá na aldeia.

Anari - Esse homem, Adão, era índio?, A menina era índia?

Zabelê - Não, era não. Era branco o homen.(...) Aí chegemo lá, ela iá pra casa de uns tio dela que morava lá na Imburana. Ela ficou. Ela queria que eu ficasse mais ela. Aí mãe disse: Não sei, ela que sabe, quiser ir mais nóis ela vai. Aí o pessoal foru embora e eu fiquei mais sa menina e os tio dela. Aí fiquemos. Aí disse: [ele] levo eles lá, depois seu pai vem cá buscar você. (...)

(....)Aí depois quando nóis tava lá, aí chegou um índio. Chegou um índio com uma lança assim. Aí chegou foi caçar lá no rio. Aí o home perguntou: aonde é que cê vai? Aí [o índio]: **eu vai na miãga, nukoemi a kapirñã**, o homem perguntou pra ele, né? Aí eu disse é o que: **Eu vou nukoemi kapirñã**. [Que ele veio de lá caçar né, pra matar a capivara no rii e levar lá pra aldeia]. Aí ele saiu po rio caçar. Aí depois meu pai vei buscar eu. Eu fui embora atrás. Quando chegemo lá, nóis, mais tanto índio na cancela. Aí eu fiquei com medo, aí eu falava uma coisa, eles falava outra eu não sabia de nada. Eu disse: vão me comer agora nessa viagem (risos) E minha mãe já tava lá, na aldeia lá. Aí eles falava uma coisa e falava outra. Aí nós chegamos na casa que ela tava. Aí encheu aquele tanto de índio, falando aquelas coisa assim. Aí eu fui pra dendo quarto e fiquei lá dento quarto, sentada, com medo deles. Aí o home: Eles não faz nada não. Sai pra fora pra eles vê você. Eu disse: eu não vou não. Aí depois as índias foru no quarto aonde eu tava. [Falando!] Eta, meu Deus do céu! o que que eu vim fazer aqui agora. E já tinha acostumado com os outros, né na frente. Os outros que foram, eles não queria deixar eles entrar não, lá na aldeia. Tinha uma cancela grande, que o homem disse: deixe eles entrar, são parentes seus, vei lhe visitar, vei conhecer vocês. Aí falaram [na língua:] nuirmõ!. Aí abriro a cancela, eles entraram. E quando eu cheguei à mesma coisa assim. Falaram aquelas coisas e eu com medo. Depois acostumei, acostumei com eles, mais as meninas, tinha mucado de garotinha. Aí elas chegava na aonde tá eu. Aí disse: **kitok nuirmõ na miãga**. Aí eu disse:

*não vou não, não sei não. Não sabia o que era. Nuirmõ kitokinha! Na Miãga no mukusuy. Eu digo: não, não vou não. Num sabia. Ai depois eu fui aprendendo, né. Quando ela chegava lá aonde tá eu, que chamava pra pescar no rio. Ai chamava: nuirmõ. Ai nós ía. Ai eu dizia: Txihí tá pibá. Não! Vamo, eu te levo lá em casa, lá em casa tá seiká. Em casa ela tinha, né, pra dá pra mim a rede, feito uma siripóia assim, aquela rede pra baixo. Ai nós chegava nos capim assim, enfiava assim por dentro e batia. Ai, pegava mucado de beré. Ai tinha uma sacolinha assim, nós muntava no pescoço assim, já cheinho, só de corró, que nós pegava assim enfiava com a siripóia assim dentro capim, batia. Ai nós vinha embora.. mais os dele eles não comia assim não, eles deixava lá oh. Deixava três dia lá, sem comer. Quando já tava sem graça azul que eles iam... comia. E quando eles chegavam lá em casa cá onde mamãe tava. disse: é! Mãgute de makiamé tá bayxú! O nosso pibá. [Que o de mamãe, a comida tava boa né e a dele não prestava. ]Ai vinham e comia mais a gente. Mas a deles, eles não dava pra a gente comer, não! E quando matava gado, que dava cada um o seu, eles deixava lá no jurau pro lado de fora, deixava lá. Passava uns três dias tava cheio de bicho. Aquelas mosca azul tudo em cima, aí que eles íam comer. E já a gente, eles vinha cá a gente comia, mamãe fazia a comida e eles comia. Já tava tudo pronto, aí eles comia. E lá na casa deles, eles não dava pra a gente comer, não! Que nós não comia não, que nós jogava fora a comida deles. Mas eles eram bonzinho assim, pra gente. Tinha muita banana. Eh! mais tinha banana! Tinha uma roça que chegava sumir, só pura banana caturrão.*

Anari – A senhora participava do Awê deles lá?

Zabelê - Não. Quando eles fazia era lá longe da gente, que eles faziam aquelas barraquinha pra lá, lá eles dançavam pra lá, mas eu não ía pra lá... não.

Anari - Por que? Eles não deixavam você ir?

Zabelê - Não! Porque, eu tinha medo de ir pra onde tá eles. Ai depois nós fomos embora.

(Entrevista com Zabelê , na Aldeia Tibá em Fevereiro, 2011)

Zabelê afirma ter aprendido palavras pataxó com seu pai Emílio antes de ir para os Maxakali. Ela diz que “antes de ir pra lá eu sabia, agora quando eu trouxe ar de lá que interou mais ar de cá, que aumentou mais”. O contato desses mais velhos com os Maxakali contribuiu para o fortalecimento do Pataxó, permitindo, também, a ampliação do vocabulário. Dessa forma, essa língua inteirada, como diz Zabelê, passou a constituir a identidade linguística pataxó, para que a mesma continuasse através dos novos línguas que sabiam cortar língua: Zabelê, Vicentina e Tururim. Muitos Pataxós aprenderam com esses línguas; Tururim conta que eles chegavam a se reunir para ensinar a língua a outros parentes. Esses línguas tiveram uma função importante no processo da luta pela terra, pois eles, por deter conhecimentos linguísticos e culturais, chegavam a acompanhar os mais velhos nas “representações” das viagens, como podemos ver no relato de Arawê sobre a ida ao Pé do Monte Pascoal, a fim de receber o Presidente da República, possivelmente nas décadas de 60, num momento de conflito com o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF):

*Do Pé do Monte foi o seguinte: O Pé do Monte a gente já tava com a briga com o IBDF (Instituto Brasileiro Florestal), aí não deixava a gente fazer os trabalhos da gente e aquela coisa toda, né? E aí o que o Miravaldo fez? O chefe do Parque do Imbama? Miravaldo escreveu uma carta e mandou para presidente que ele viesse ver os índios pataxó que tava dentro do parque nacional, que ele viesse ver o povo dele. Então Miravaldo,... ele fez coisa ruim com a gente assim, mais ele tomém fez um lado bom, foi isso. Aí, vei o presidente, o presidente mesmo, o Presidente da República. Alembro como tô vendo agora. Aí sunte o seguinte, aí saímo daqui po Pé do Monte, parece que uns 30 índios, eu era criança essa época. Aí nós fumo pra lá cheguemo lá de tarde, era um dia de viaje daqui pro pé do monte, só debaixo da floresta, caça passava assim no meio da estrada, tatu, paca catitu ficava assim no meio da estrada, a gente passava pro cima, pico de jaca e aí nós fumo pra lá, um tanto de gente, aí nós fumo pra lá. Cheguemo lá de tardezinha cinco horas. Cheguemo lá já tinha um manãytê morto, já tinha a casa lá preparado pra esperar nóise, já tinha um tanto de lenha pa fazer a fogueira pa assar as coisa pa comer de noite. Aí condo foi, que nós cheguemos lá, que descansemo assim já pô lá noite, aí chegou o Miravaldo né. Aí Miravaldo chegou: Ói! É meu povo, o negócio é o seguinte, agora vocês tem de ensaiar o awê, pra amanhã quando o presidente da República chegar, vocês estão preparado, vocês vão cantar esse awê. Sunte bem! E aí a Vêa Vicentina disse: não, é agora mesmo! Então, um pessoal da Vêa Justina?! E aí topa nesse awê, até tarde da noite. Aí condo foi dez hora da manhã: “cês tem de arrumar tudo aqui, na tanga, nos seus kokazinho de palha para esperar” esse..acho que era João Goulart. Aí, sunte bem! aí rapaz, condo foi assim dez horas os trecho fechou de polícia, polícia prá lá, polícia prá cá. Aí ele fez uma oca grande, uma oca bem grande e botou nós tudo dentro, aí disse: quem é que vai representar, conversar com esse governo? Aí papai disse: Rapaz! Vamo fazer o seguinte.. **Tururim nessa época, ele num era cacique, apenas ele que era “o Língua” mais a Vêa Neném (Vicentina), que comunicava que cortava a língua, né. Aí, então, tururim mais a Vêa Vicentina, então que foi escolhido pra “cortar a língua”,** e papai e o finado Alfredo, e Luís mais Parmiro pra receber o home. Assunte! Eu tô contando essa históra como eu to vendo agora! eu tô vendo agora, por isso que não é bom bulir nas coisas. E aí condo o home chegô, chegô de teco-teco no Parque, no posto velho, chegô de teco-teco ele, e o negócio tava tudo fechado de polícia, né. Ele chegou e vei, chegou o homem. Aí nós já saímo da oca cantando o awê, aí por isso que eu digo assim, tem que ter muita consideração por esse awê, que esse awê que..nossa mãe! Aí sim, nós começamo a cantar, começemo a cantar em redor do home e aí o home começô a chorar; o presidente, começou a chorar. **Aí Tururim foi “cortar a língua” mais a Vêa Neném aí pegô os dois.** Aí começou a chorar, aí depois os ôto foi dá o recado deis, falou: Oh, Presidente, “papaim maior” eles não falava presidente não, é que de primeiro eles falava “papaim maior”, aí ele falou. [É rapaz, só que não podia falar muito mal, porque nós tava dentro do parque, né, dos guarda]. É que eles falaram (os mais velhos): Nós queremos nossa terra demarcada pra nós trabalhar, “Papaim maior”, e escola pra educar nossos filhos*

*pra tomar conta do que é nosso depois. Oh! Anari, condo me falo isso me dói, tê hoje quando vejo que uma palavra parece que Deus disse assim: Amém. Aí o home danô chorar, o presidente, o governo, né, danô chorar, falou: Oh, meus índios se vocês não sai dessa terra, d'agora vocês não sai mais. Foi daí que a gente começou... o awê começou a crescer, aí que o awê cresceu mais. E daí nós fizemo o awê, ele abraçou: "daqui vcs não sai mais". Falou: Oh, Miravaldo d'agora em diante vc não bole mais com meus índios não. Esses daí é meus índios, certo. Agora tem uma coisa que foi falado dendo princípio; Ói, cês vão trabalhar naquelas capoeirinha mais fina e cuidado com o fogo pra não pegar no Parque, pra não pegar na floresta, cês vão trabalhar naquelas capoeira mais fina e os guarda de agora em diante num vai incomodar vocês mais. Ah! Nós saimos contente de lá, daí que nós começou dá os passo pra frente. (...)*

(Entrevista com Arawê, na Aldeia Barra Velha em Janeiro de 2011)

A partir daquele acontecimento, a língua pataxó passou a ser um elemento demarcador e de afirmação de identidade nas relações com a sociedade nacional, sobretudo na luta pela terra.

Após o massacre que ocorreu na aldeia Barra Velha em 1951, Zabelê, foi com sua família morar no Rio do Peixe, região de Cumuruxatiba (município de Prado), onde se estabeleceu junto com outros Pataxós que já viviam na região. De lá, começaram a se mobilizar pela retomada e demarcação da Terra Indígena Cahy/Pequi. Ela viveu na aldeia Tibá, a 8km do povoado de Cumuruxatiba, e sempre teve a preocupação de ensinar a língua para seus filhos e bisnetos; faleceu em 5 de julho de 2012. Como reconhecimento de seu trabalho de manutenção da tradição pataxó, em 2006, com o apoio da Universidade Estadual da Bahia, foi construído, na Aldeia Tibá, o "Kijeme da Zabelê", um espaço de vivência e aprendizado da cultura pataxó. Neste mesmo ano de 2006, ela recebeu título de "personalidade do Ano" pela UNEB. O Kijeme Zabelê quase foi derrubado pelo ICMBIO, por alegarem que se localizava em área de Unidade de Conservação Integral, cuja lei ambiental não permite a presença de seres humanos, o que desrespeita a Constituição de 1988, que garante aos povos indígenas vida digna em suas terras originárias. Por conta da construção do Kijeme Zabelê, a universidade também foi processada e o espaço, hoje, é uma sala anexa do ensino infantil da Escola Kijetxawê Zabelê.

Dona Vicentina, já falecida, é ainda uma referência para a cultura pataxó, pois, como afirma Arawê, "era quem era a chefe do Awê, que fazia os cante e daí a gente foi crescendo nisso aí, nessa cultura".

Desses línguas, somente Seu Tururim ainda está vivo. Durante a luta pela terra, ele tornou-se cacique e foi uma grande liderança na defesa do povo Pataxó.





Seu Tururim, Aldeia Barra Velha, 2012 (Arquivo pessoal de Anari Braz Bomfim).

Hoje, com “82 anos” de registro, pois o mesmo acredita que a sua idade é mais avançada, vive na aldeia Barra Velha. Não mais atuante como ‘língua’, como antes, ainda lembra de muitas palavras da língua pataxó e sempre esteve disposto a ensinar aqueles que querem “*aprender alguma coisa*”, com ele mesmo afirma.

O levantamento que fiz com Seu Tururim mostrou que ele ainda lembrava quase todas as palavras coletadas por Pedro Agostinho em 1970. Zabelê é quem ainda lembrava um maior número de vocábulos. Comparando o vocabulário que coletei com os mais velhos com a lista de 120 palavras fornecidas por Bahetá, encontrei apenas seis termos semelhantes com o que restou da língua do extremo Sul. O que importa agora é que tanto os Pataxó do sul quanto os do extremo-sul estão somando forças para valorizar e reconstituir a sua língua.

### **Os desafios no processo de retomada da língua**

A criação do grupo de pesquisadores pataxó, em 1999, marcou a retomada da língua pataxó pelos mais jovens. Não foi uma ideia imposta, nem influência de antropólogos ou de linguistas, foi algo que nasceu da geração mais nova e da preocupação das lideranças e anciões com o fortalecimento da cultura pataxó. O grupo decidiu realizar um trabalho independente, não circunscrito a uma única aldeia, sem interferência de “especialistas” externos, pois, decidimos sermos os protagonistas desse processo, levados pelo desejo da descoberta, de fazer um estudo mais detalhado sobre a língua pataxó, construindo nosso fazer do jeito pataxó. A nossa intenção era que em dez ou vinte anos, no máximo, a fluência na língua antiga pudesse ser retomada. A princípio, o *Projeto de Pesquisa e Documentação da Cultura e Língua Pataxó*, desenvolvido na Reserva Pataxó da Jaqueira, se concentrou no registro da história, da língua e dos conhecimentos culturais pataxó, com o apoio inicial do CESE/ANAI-BA. Jovens e professores coletaram dados e informações nas aldeias e na documentação encontrada

em publicações, inéditos e arquivos. O grupo precisava saber o que fazer com o material que estava em suas mãos. Houve muita discussão, sobretudo em torno do material linguístico, enfrentamos dificuldades, mas encontraram caminhos para construir e ampliar o vocabulário.

Para formar um primeiro vocabulário, consideramos as palavras que os mais velhos falavam há muito tempo e as que evidenciavam ser material linguístico pataxó, no que se refere aos registros escritos e orais. Em seguida, consideramos as palavras faladas pelos mais velhos semelhantes a de outros povos, mas tidas como pataxó, como: *jokana*, *jõpek*, *kijemi*, *makiami* (Pataxó, Botocudo), *kamãdu* (Pataxó, Malali, Maconi, Maxakali), entre outras.

O vocabulário de Bahetá, registrado por Maria Araci Lopes de Azevedo e Greg Urban, em 1983, entre os Pataxó Hã Hã Hãe, também foi agregado para enriquecer o vocabulário, pois, historicamente, se trata de um mesmo grupo étnico e também porque percebemos que os professores Pataxó de Minas Gerais já estavam ensinando, na escola, palavras da língua de Bahetá. Foram incluídas, também, os vocábulos registrados por Maximiliano (1989). Durante o primeiro curso de formação em nível de magistério indígena da Bahia, o uso desse vocabulário foi discutido em reunião com lideranças e professores. Entretanto, havia uma grande preocupação na valorização das variedades lexicais que as comunidades pataxó estavam usando, evitando, assim, a sobreposição de uma variedade como sendo melhor do que outra. Sendo assim, no vocabulário organizado pelo grupo de pesquisadores pataxó foram identificadas formas lexicais diferentes para um mesmo significado. Por exemplo, para o significado referente à palavra *água* foram encontradas as seguintes formas: *miãga* e *unaã* (no vocabulário conhecido pelos mais velhos), *txonãg* (no vocabulário usado pelo Pataxó de Minas, da lista do professor Kanatyó), *txiãng* (no vocabulário de Nimuendaju, também encontrado em Martius, (1867) e Loukotka (1939)) e *nahã* (no vocabulário coletado por Antônio Medeiro em 1936 entre os Pataxó Hã Hã Hãe). A palavra *miãga* já era falada pelos mais velhos há muito tempo e todas as outras três já estavam sendo ensinada nas escolas pataxó, *miãga*, *unaã* entre os Pataxó da Bahia e *txonãg* entre os Pataxó de Minas. Em alguns casos de registros escritos, as palavras foram ressignificadas, mas sem perder a essência do significado anterior. Assim, *txiãng*, que originalmente significava apenas ‘água’, passou a ser associada ao significado ‘água da chuva’.

Ainda no sentido de aumentar o vocabulário, foram criados neologismos a partir de palavras existentes e com outro sentido, como:

*Ipamakã* (pai) + *akâiéko* (líder) = *ipakâié* (professor)

*Kijemi* (casa) + *etxawê* (ensino) = *kijêtxawê* (escola)

As listas deixadas por Maximiliano de Wied-Neuvied foram um achado que nos entusiasmou, apesar de sua antiguidade. No entanto, nelas foi possível identificar palavras ainda faladas pelos mais velhos, como:



Português	Wied-Neuwied ( 1989)	Vocabulário conhecido pelos Pataxó <sup>8</sup>
cachorro	<i>koké</i>	<i>kuké</i>
dormir	<i>somnaymohon</i>	<i>numuhũ/muhũ</i>
carne	<i>uniin</i>	<i>suñã</i>
pedra/faca	<i>micay</i> (pedra)	<i>mikay</i> (faca)
flecha	<i>pohoy</i> (flecha)	<i>puhuy</i> (arco e flecha)
mandioca	<i>cohom</i>	<i>cohô numuhũ</i>
perna/pé	<i>patá</i> (perna)	<i>patá/capá</i> (pé)
sol	<i>mayon</i>	<i>mayõ/mayão</i>
terra	<i>aham</i>	<i>hãhã</i>

Outro desafio foi a grafia da língua, pois as palavras existentes no vocabulário conhecido entre os Pataxó eram escritas conforme a grafia do português. Cada um escrevia de um jeito; até entre os professores indígenas podíamos perceber essas diferenças na escrita, de uma aldeia para outra. Por exemplo: *mucuçui/mucussui*, *tarrão*, *rãrrão*, *mianga*, *caiambá*, *cacuçu/cacussu/kakussu*. Surgiu a necessidade de pensar uma grafia mais simples e com menos regras e exceções do que a do português. Após muita discussão, chegamos a uma primeira proposta. Vejamos alguns exemplos de regras estipuladas para a escrita do Pataxó:

- Os sons nasais são representados por um sinal nasal (~), não por (N ou M). EX: *miãga* (água), *kayãbá* (dinheiro);
- As palavras que eram escritas com a letra C (som oclusiva velar) passaram a ser escritas com **K**. Ex.: *kakusu* (homem), *kitok* (menino);
- As palavras com som (fricativa glotal), passaram a ser escritas com **H**. Ex: *hãhãw* (terra), *tahãw* (café), *hãmiá* (dançar) e não com RR/R. Somente o som tepe alveolar sonoro ficou grafado com **R**. Ex.: *kãbará* (carangueijo), *ĩgorá* (negro)
- O som fricativa alveolar **S**, passou a ser escrito na grafia somente com **S**, e não com **SS**, **Ç** ou **C** como os professores escreviam com base no português. Ex.: *mukusuy* (peixe),
- Palavras com som de fricativa pós-alveolar **ʒ** passaram a ser escritas somente com **J**. Ex.: *Jokana*, *Jiktayá*. Assim com o som do **G/** (oclusiva velar sonora) passou a ser representado somente com **G**. Ex: *mãgutxi* (comida), *miãga* (água).

Os pesquisadores pataxó assim concluíram:

Podemos destacar as coisas boas que conseguimos com nosso trabalho de pesquisa: elaboramos uma lista de um vocabulário que inicialmente não passava

de 200 palavras que eram conhecidas pela grande maioria de nossa população, para atualmente, depois de critérios rigorosos criados por nós, ampliamos um vocabulário com mais 2.500 palavras; Além disto, passamos a pensar uma maneira de como organizar a linguagem falada e escrita no nosso dia-a-dia. Foi assim que foi possível começar a ensinar na escola, o que aprendemos. (Grupo de Pesquisa Pataxó, 2004)

O resultado desse trabalho foi reconhecido e discutido na reunião do Conselho de Caciques Pataxó na Aldeia Pé do Monte, Porto Seguro, em 2000, o que permitiu o prosseguimento da pesquisa, com o consentimento das lideranças das aldeias. A partir de então, o desafio dos pesquisadores pataxó foi o de disseminar tais resultados pelas aldeias, sempre com discussões e reavaliações. Mesmo com a crônica falta de recursos, alguns de nós puderam viajar para algumas aldeias Pataxó, inclusive em Minas Gerais, em 2003, para compartilhar nossa pesquisa.

Para melhor divulgar nosso trabalho, em 2017 foi organizado o I Encontro dos Pesquisadores Pataxó, com representantes das aldeias Pataxó da Bahia e de Minas Gerais, na Aldeia de Coroa Vermelha (município de Cabrália). No evento, debatemos, esclarecemos professores, jovens e lideranças, trocamos experiências, falamos das dificuldades enfrentadas no ensino da língua nas escolas. Em 2009, foi possível realizar um encontro menor com os professores da Bahia em Salvador. Em 2010, houve o II Encontro dos Pesquisadores Pataxó da Bahia e Minas, na Aldeia Retirinho (MG). Foi nesta ocasião que houve uma reorganização do Grupo de Pesquisa, que desembocou na criação da *Coordenação Atxohã*, no intuito de fortalecer a articulação dos pesquisadores nas aldeias e para dar continuidade às várias ações implementadas. A Coordenação Atxohã foi estruturada em uma Coordenação Geral (Representantes do Grupo de Pesquisa) e com os coordenadores de áreas (pesquisadores locais responsáveis por aldeias mais próximas), para melhor conectar as atividades e dar suporte aos professores de Patxohã que atuam nas escolas. O Atxohã realizou oficinas locais, nas comunidades, dando auxílio pedagógicos aos professores. Não tem recursos próprios, o trabalho é articulado entre as escolas indígenas em parceria com as secretarias de educação, para a realização dos encontros, mas tem como meta a criação de um Instituto. Nesse processo de luta dos professores, pesquisadores e lideranças pela retomada da língua, podemos destacar avanços importantes, entre os quais:

- A mobilização de jovens indígenas na valorização e divulgação do Patxohã em diversos espaços;
- Ensino do Patxohã em todas as escolas, com a contratação de professores pataxó pelas secretarias de educação municipais e estadual;
- Pais estimulando os seus filhos para a aprendizagem do Patxohã;
- Publicação de materiais didáticos em Patxohã entre os Pataxó da Bahia e Minas;
- Valorização do Patxohã nas atividades culturais e esportivas realizadas nas comunidades;
- Estimular os pais a registrar seus filhos com nomes Patxohã;

- Criação de cantos;
- Identificação no Censo Escolar – INEP;
- Artigos e trabalhos acadêmicos escritos pelos próprios pesquisadores e professores pataxó sobre o Patxohã, contribuindo para o seu reconhecimento, divulgação e valorização;
- O Patxohã se tornou um canal de interação e união entre as aldeias do extremo sul da Bahia e as de Minas Gerais.
- O processo de retomada linguística tem sensibilizado outros povos a valorizarem suas línguas.

Podemos afirmar que o Patxohã é um processo em construção, um trabalho coletivo de autoria do povo pataxó, que se fortaleceu graças ao movimento de jovens, professores e lideranças na luta pela retomada da língua.

### **Considerações finais**

Entre os 240 povos indígenas que resistiram ao longo processo da colonização no Brasil, há poucos que falam apenas a sua própria língua originária, alguns são multilíngues (uma língua indígena ou mais, além do português, às vezes o espanhol, o inglês, o francês), a maioria está em diferentes estágios de bilinguismo (língua indígena-português), há aqueles que estão tentando retomar suas línguas ou aprendendo com outros povos. Assim, uma rede de usos multilíngues forma o complexo panorama sociolinguístico dos povos indígenas no Brasil, uma complexidade, infelizmente, ainda pouco estudada. Hoje, falando uma língua indígena ou não, cada povo tem sua maneira de se auto-identificar enquanto grupo e de construir suas identidades e de se valorizar. Os povos indígenas têm o direito de escolher o que é melhor para si, continuando a assumir suas identidades enquanto indígenas. Têm o direito de recuperar suas identidades negadas ao longo do processo da colonização.

Para muitos linguistas, a revitalização de línguas consideradas “extintas” seria quase impossível. Contudo, nessas últimas décadas, tem surgido uma forte demanda por partes de vários povos para “retomar” suas línguas, através de pesquisa documental e nas memórias dos mais velhos. Descobre-se que não estão assim tão “perdidas”, como muitos imaginam, e esforços são empreendidos para novas aprendizagens, como é o caso dos Xacriabá (MG), Tupinambá (BA), Kiriri (BA), Tupiniquin (ES). Para esses povos a língua é mais um elemento de fortalecimento de sua identidade e de sua cultura, um dia negadas e reprimidas. Nesse contexto, a experiência dos Pataxó é pioneira, no sentido de autoria, autonomia, auto-determinação e intervenção sociocultural.

O trabalho de retomada linguística, nos Pataxó, é um exemplo de força e mobilização de que é possível, sim, uma língua voltar a se fortalecer. No entanto, é importante ressaltar as práticas comunicativas de alguns mais velhos, principalmente “os línguas”, que contribuíram para que a língua pataxó não viesse a ser esquecida por completo, assim como a iniciativa dos jovens pesquisadores pataxó, que conduziram um projeto de estudo da língua de maneira autônoma. A não interferência

de linguistas foi uma decisão do grupo de pesquisadores pataxó, que queriam tomar a frente desse processo. Os desafios ultrapassaram os limites de apenas uma pesquisa documental. A aprovação por parte do Conselho de Caciques Pataxó reconheceu a relevância do trabalho desenvolvido pelos pesquisadores indígenas. Isso foi fundamental para que o projeto de estudo da língua prosseguisse. As lideranças tiveram um papel essencial apoiando o ensino do Patxohã nas escolas, o que contribuiu para a contratação de professores pataxó pelas secretarias municipais e estaduais de educação. Isso também não seria possível se não houvesse motivação por parte dos parentes nas aldeias em aprender e incentivar os professores de cultura e língua nas escolas e em outros espaços de aprendizagem da língua. Podemos afirmar que a língua pataxó não é uma língua morta como muitos diziam por aí. Através desse processo de sua retomada, o Patxohã se fortalece, agora com os “línguas” deste tempo presente, para continuar a repassar aquilo que os mais velhos deixaram para a geração mais nova.

## Referências

- AGOSTINHO, P. *Vocabulário Pataxó Barra Velha 1971*. Centro de Línguas Indígenas.
- AZEVEDO, A. de M. de. *Vocabulário pataxó: lista de palavras coletadas pelo Cel. Antonio de Medeiros de Azevedo entre os ranranrans (sic) do PI Paraguaçu, no Rio Colônia – 1936*. Centro de Documentação de Línguas Indígenas.
- BOMFIM, A. B. *Patxohã, língua de guerreiro: um estudo sobre o processo de retomada da língua pataxó*. Salvador, UFBA, 2012.
- CARVALHO, M. do R. G. *Os Pataxó de Barra Velha: seu subsistema econômico*. Salvador, UFBA, 1977.
- CARVALHO, M. R.; SOUZA, J. M. *Verbetes Pataxó Hã Hã Hãe*. Instituto Sócio-Ambiental: Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/pataxo-ha-ha-hae/919>. Acesso em: 20 de maio de 2011.
- CÉSAR, A. L. S. C. *Lições de abril: a construção da autoria entre os Pataxó de Coroa Vermelha*. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 97.
- GRUPO DE PESQUISA PATAXÓ. *Língua Pataxó*. Coroa Vermelha, 2004.
- GRUPO DE PESQUISA PATAXÓ. *Lista português patxohã*. Coroa Vermelha, 2007.
- GRUPO PESQUISA PATAXÓ. *Regras da gramática pataxó*. Coroa Vermelha, 2007
- LOUKOTKA, C. A língua dos Patachos. *Revista do Arquivo Municipal*. v. 55, p 5-15. São Paulo:

Departamento de cultura.1939.

LOUKOTKA, Č. *Documents et vocabulaires inédits de langues et de dialectes sud-américains*. In: *Journal de la Société des Américanistes*. Tome 52, 1963. p. 7-60.

MARTIUS, K. F. P. von. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenunde Amerikas zumal Brasiliens 2: glossaria linguarum Brasiliensium*. Leipzig: Friedrich Fleischer. 1867.

MEADER, R. E. *Índios do Nordeste: Levantamento sobre os Remanescentes Tribais do Nordeste Brasileiro*. Sociedade Internacional de Linguística: Cuiabá MT, 1976.

METRAUX, A. Les Indiens Kamakan, Pataso et Kutaso. *Revista del Instituto de etnologia de la universidad nacional de Tucumán*, Tucuman, t. 1, p. 238-289, 1929.

NIMUENDAJU, C. *Vocabulário Pataxó - Seq. I*, folder 45. Tamani – Bekoy. 1845-1945, Centro de Documentação de Línguas Indígenas.

PARAÍSO, M. H. B. Amixokori, Pataxó Monoxó, Kumanoxó, Kutaxó, Kutatoi, Maxakali, Malali e Makoni: Povos Indígenas Diferenciados ou Subgrupos de uma mesma nação? Uma proposta de Reflexão. In: *Revista do Museu de Arqueologia Etnologia*, 4. São Paulo, MAE, 1994.

RODRIGUES, M. C. Y.; SILVA, A. L. da. *Lições de Baheté: sobre língua Pataxó hãhãhãe*. São Paulo: Comissão pró-índio de São Paulo, 1982.

RODRIGUES, A. D. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

SAMPAIO, J. A. L. *Coroa Vermelha 1997: garantia da terra indígena e impasses no “Quintocenário do descobrimento”*. São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_. ROSÁRIO, Maria do Rosário G. *Parecer sobre o estatuto histórico e legal das terras indígenas no extremo Sul da Bahia*. Salvador, 1992.

WIED-NEUWIED, M. *Viagem ao Brasil*. Tradução de Edgar Mendonça e Flávio Figueiredo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.